

## EDUCAÇÃO PARA A SEXUALIDADE NA PERSPECTIVA DA INCLUSÃO DE GÊNEROS E SEXUALIDADES: O QUE SE TEM PRODUZIDO NAS CIÊNCIAS DA SAÚDE?

### **Katiele Hundertmarck**

*Mestra em Saúde Materno Infantil. Pós-graduanda em Educação para a Sexualidade na Universidade Federal do Rio Grande -FURG, katielehun@gmail.com;*

### **Alice de Souza Ribeiro**

*Coordenadora do Núcleo de Gênero e Diversidade Sexual, IFFar – Campus JC, Doutora em Ciência e Tecnologia de Alimentos pela Universidade Federal de Santa Maria. alicecta@gmail.com;*

### **Carolina Araujo Londero**

*Graduanda do Curso de Enfermagem da Universidade Franciscana-UFN, carolina.alondero@gmail.com;*

### **Fabíola Pinto Pardini**

*Mestra em Saúde Materno Infantil - UFN; bilafpp18@gmail.com;*

### **Martha Helena Teixeira de Souza**

*Professora orientadora: Doutora em Ciências. Professora na Universidade Franciscana - UFN, marthahts@gmail.com;*

## **Resumo**

As ações de educação para a sexualidade com objetivos de educação e promoção da saúde para a vivência da saúde sexual de forma mais saudável e inclusiva é um direito. Objetivou-se conhecer o que a literatura científica em ciências da saúde tem publicado acerca da educação para a sexualidade considerando a diversidade de gêneros e sexualidades nos diversos espaços educativos. Realizou-se uma pesquisa bibliográfica do

tipo revisão integrativa de literatura nas bases de dados BVS e MEDLINE/PubMed, a partir dos descritores em ciências da saúde “educação sexual” and “minorias sexuais e de gênero” e “*sex education*” and “*sexual and gender minorities*”, respectivamente. Foram selecionados 06 artigos científicos por atenderem aos objetivos do estudo e aos critérios de inclusão. Emergiram duas categorias por similaridade de conteúdo, de acordo com o referencial teórico de Bardin (2016): educação para a sexualidade centrada no modelo biológico-higienista e educação para a sexualidade inclusiva para as diversidades de gêneros e sexualidades. Considera-se que as atividades de educação para a sexualidade estão voltadas para o público adolescente, e aquelas consideradas inclusivas para as questões de gêneros e sexualidades produzem redução do *bullying* na escola e menos sofrimento mental para as pessoas LGBTI+.

**Palavras-chave:** Diversidade de Gênero, Educação em Saúde, Educação Sexual, Minorias Sexuais e de Gênero, Sexualidade.

## Introdução

As evidências científicas sobre as ações para uma abordagem esclarecedora em educação para a sexualidade, através de uma maneira inclusiva e ampla sobre as questões de gêneros, identidades e sexualidade, facilitam conhecer as melhores práticas e estratégias para o desenvolvimento dessas atividades por profissionais de Saúde, escopo selecionado para essa discussão, a partir da produção acadêmica atualizada.

As discussões acerca dos conceitos de “educação para a sexualidade”, “orientação sexual” ou “educação sexual” e a melhor forma de delimitá-los e diferenciá-los ainda são constantes dentro da literatura acadêmica multidisciplinar. O termo “educação para a sexualidade” propõe discutir a sexualidade como uma construção histórica e cultural no entendimento da sexualidade como papel social. Para Varela e Ribeiro (2017, p.16), pode-se entendê-lo como um movimento discursivo para além das questões dos gêneros e corpos, como também problematizar conceitos naturalizados em nossa sociedade a fim de entender, compreender e respeitar comportamentos diversos. Já a expressão “orientação sexual” é interpretada como um processo de instrução e informação formal (DA SILVA, COSTA, MÜLLER, 2018, p. 54). Por fim, a designação de “educação sexual” é definida como todo o processo amplo e informal de informações e aprendizados sobre a sexualidade (SUPLICY et al., 2005 apud DA SILVA, COSTA, MÜLLER, 2018, p. 54).

A educação para a sexualidade amplia-se além das modalidades tradicionais trabalhadas, através de abordagens baseadas no aspecto biológico dos corpos humanos, por exemplo, como a prevenção de infecções sexualmente transmissíveis (ISTs) e da gestação adolescente. Esta prática educacional atravessa um momento de atualização e ampliação dos diálogos e da escuta para novos temas ligados às necessidades da nova geração, a fim de permitir uma maior adesão de estudantes interessados ao inserir o enfoque sobre gênero e identidade. Enfatizando essa nova interpretação pedagógica, Varela e Ribeiro (2017, p.22) designam que a prática precisa ser inclusiva e construída através do diálogo, da problematização e da desconstrução de discursos naturalizados, na perspectiva de considerar as singularidades inerentes às diferenças.

O objetivo do artigo é conhecer o que a literatura científica em Ciências da Saúde tem publicado acerca da educação para a sexualidade considerando a diversidade de gêneros e sexualidades nos diversos espaços educativos. A partir disso, incentiva-se a pensar sobre as possibilidades de facilitar o cuidado de saúde com base nas evidências científicas e promover novos e necessários saberes-fazeres inclusivos nesse campo.

## Metodologia

Trata-se de um estudo qualitativo para a identificação das produções científicas das Ciências da Saúde sobre as ações de educação para a sexualidade desenvolvidas por essa área de conhecimento. Optou-se pela revisão integrativa de literatura porque permite a compreensão do tema a partir de outros estudos realizados, sendo, portanto, evidências científicas acerca da temática específica (MENDES, SILVEIRA, GALVÃO, 2008, p. 763).

Realizou-se as seguintes etapas na sequência descrita, de acordo com Mendes, Silveira e Galvão (2008, p.761-763): identificação do tema; estabelecimento dos critérios de seleção: artigos completos disponíveis na íntegra, datados a qualquer tempo e em qualquer idioma; definição das informações a serem extraídas e categorização, formando um banco de dados para a análise; avaliação dos estudos; interpretação dos resultados e apresentação da revisão.

A estratégia utilizada para a coleta de dados foi a busca por publicações científicas indexadas nas bases de dados da Biblioteca Virtual em Saúde (BVS) e MEDLINE/PubMed, que concentram as produções das ciências da saúde de diversos países. Por meio da BVS, utilizou-se os descritores “educação sexual” and “minorias sexuais e de gênero” e na MEDLINE/PubMed, efetuou-se a pesquisa pelos descritores em ciências da saúde “*sex education*” and “*sexual and gender minorities*”. Após a leitura independente dos títulos e resumos, as revisoras treinadas selecionaram os artigos. Na segunda fase, os artigos foram lidos na íntegra, sendo escolhidos de acordo com os critérios estabelecidos para inclusão e exclusão. A coleta de dados aconteceu em fevereiro de 2021.

Construiu-se categorias de análise a partir da similaridade de conteúdo, seguindo o referencial teórico de Bardin (2016, p.147). A análise deu-se em três etapas: pré-análise, exploração do material e

interpretação dos resultados. Os artigos selecionados foram lidos na íntegra e agrupados pela correlação de conteúdos, abstraindo-se os temas representativos do teor do estudo.

## Referencial teórico

A vivência da sexualidade traz consigo envolvimento na saúde física, mental e social, sendo, portanto, determinante para o bem-estar e a qualidade de vida das pessoas. Os fatores de autoestima, autoimagem, crenças, personalidade, raça, classe, expressões e papéis de gênero, orientação sexual e relacionamento com o próprio corpo, entre outros, podem transpor a qualidade de vida sexual (VIEIRA et al, 2021, p. 292), a qual perpassa outros contextos para além da saúde, como as questões sociais, culturais, econômicas, educacionais, haja visto a complexidade de atravessamentos à vida humana. Para Louro (2019, p.11), “(...) a sexualidade não é apenas uma questão pessoal, mas é social e política (...) a sexualidade é “aprendida”, ou melhor, é construída, ao longo de toda a vida, de muitos modos, por todos os sujeitos”.

Em um processo que se procura a autonomia do educando para conduzir ao “sujeito de sua sexualidade”, Figueiró (2018, p. 248-249) sinaliza que seja necessária a capacidade de reconhecimento dos seus desejos sexuais, assim como respeitar os desejos da outra pessoa, aceitação dos seus limites e defesa das situações de exploração/manipulação, capacidade de proteção de gravidez e ISTs, de buscar informações e ajuda quando for preciso, entre outros, que potencializam uma educação emancipatória em sexualidade.

Estrela (2020, p.101-102), ao descrever ao cuidado oferecido pelos profissionais da saúde no âmbito do SUS para a população LGBTQIA+, cita que “(...) nossa relação com esses agentes de saúde é tão doente quanto a doença em si (...)”. Haja vista, o foco na doença, nos remédios e em uma obsessão, nas palavras do autor, pela busca de profissional da saúde como a única pessoa capaz de promover saúde (ESTRELA, 2020, p.101). Logo, ainda há uma frustração na busca pelos serviços de saúde que não atendem a demanda de saúde de forma adequada e em tempo oportuno. Considera-se que, embora a vigência da Política Nacional de Atenção Integral às pessoas LGBTI+, trabalhadores da saúde ainda não estão apropriados desse saber-fazer.

A construção social da cistheteronormatividade está reverberada em todas as instituições sociais, incluídos aí a saúde. Isso significa dizer que a norma estabelecida como “natural” é que todas as pessoas são/sejam cisgêneras e heterossexuais, sinalizando à margem social para os dissidentes. Outra sinalização dessa lógica, dita o que é estudado/pesquisado pelas ciências, ressoando, por esse modo, naquilo que se tem interesse em ensinar/aprender. Louro (2020, p.102) afirma que “(...) a ignorância não acontece ao acaso, ela está, de algum modo, inscrita no próprio conhecimento”. Então, é preciso se questionar se há intenção de transformar essas relações de saber-poder nos serviços de saúde e de fato, produzir uma educação para a sexualidade inclusiva.

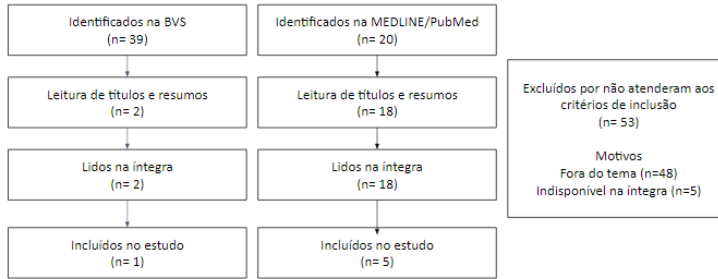
No que se refere a saúde sexual de pessoas LGBTQIA+, Vieira et al. (2021, p.292) reforçam que a literatura científica é escassa, postergando a prática clínica baseada em evidências com comprovação pelas ciências. Isso é desigual se comparado às publicações sobre saúde das pessoas cisheteronormativas e pode, de alguma forma, também comprometer a educação para a sexualidade do público que vivencia as diversidades de gêneros e sexualidades.

Pensa-se em uma abordagem emancipatória, baseada na “educação libertadora” de Paulo Freire (FURLANI, 2016, p. 31) por promover o sujeito pensar sobre sua sexualidade, a partir do acesso à informações confiáveis e disponibilizadas em tempo oportuno, garantindo o exercício dos direitos sexuais e reprodutivos. Ou seja, mais que somente restringir a educação em saúde em métodos contraceptivos e preventivos às ISTs, almeja-se construir espaços educativos de autonomia para a vivência da sexualidade de forma prazerosa, segura e saudável.

## Resultados e discussão

A coleta de dados por meio da BVS, retornou a 39 resultados e na MEDLINE/PubMed, foram encontradas 20 publicações. Após a leitura independente dos títulos e resumos, as revisoras treinadas selecionaram 20 artigos. Na segunda fase, os artigos foram lidos na íntegra e após análise final, 06 artigos mantiveram-se para composição do estudo. Na figura 1, observa-se o fluxograma de seleção dos artigos.

**Figura 1:** Fluxograma de seleção de artigos, 2021.



Fonte: Esquema elaborado pelas autoras.

O quadro sinóptico foi utilizado para sistematizar as informações dos artigos, contemplando o título, autoria, ano de publicação, idioma, país de origem, objetivos e principais resultados/considerações finais.

**Quadro 1** Quadro sinóptico com informações dos artigos incluídos na análise, 2021.

	<b>Título/Autoria/ Ano de publicação</b>	<b>Periódico/ Idioma publicado/País</b>	<b>Objetivo</b>	<b>Principais Resultados/ Considerações Finais/ Conclusões</b>
A1	Associations of LGBTQinclusive sex education with mental health outcomes and school-based victimization in U.S. high school students. CHELSEA, N. et al. 2019	J Adolesc Health/Inglês/ Estados Unidos	Verificar se uma educação sexual inclusiva para as questões de diversidades sexuais e de gênero tem associação com saúde mental e bullying entre adolescentes escolares dos Estados Unidos	Estudantes que receberam uma educação sexual inclusiva para as questões de diversidades sexuais e de gênero têm menor chance de sofrer <i>bullying</i> e problemas de saúde mental

A2	The no-go zone: a qualitative study of access to sexual and reproductive health services for sexual and gender minority adolescents in Southern Africa/ MULLER, A., SPENCER, S., MEER, T., DASKILEWICZ, K. 2018	Reproductive Health/ Inglês/ África do Sul	Saber se e como as necessidades dos adolescentes de minorias sexuais e de gênero são atendidas na África do Sul	Adolescentes de minorias sexuais e de gênero são duplamente marginalizados na busca pela atenção de saúde sexual: barreiras para acessar serviços LGBTI+ e heteronormativos, devido à criminalização real e percebida.
A3	Meeting the Needs of Sexual and Gender Minority Youth: Formative Research on Potential Digital Health Interventions/ STEMKE, J. et al. 2017	Journal of Adolescent Health Inglês/ Estados Unidos	Investigar as novas intervenções de saúde acessadas pela internet para ajudar e atender as necessidades de educação sexual das pessoas LGBTI+	As pessoas LGBTI+ buscam por informações de educação sexual na internet, contudo, muitas vezes não têm suas demandas atendidas. A maioria dos jovens descreveu a discriminação interpessoal como tendo efeitos negativos substanciais em sua saúde mental
A4	Using pharmacists and drugstore workers as sexual healthcare givers: a qualitative study of men who have sex with men in Dar es Salaam, Tanzania/ AGARDHA, C. et al. 2017	GLOBAL HEALTH ACTION Inglês/ Tanzânia	Explorar as percepções e experiências dos homens que fazem sexo com homens na busca de tratamento e aconselhamento de farmacêuticos e trabalhadores de drogarias.	Homens que fazem sexo com homens relataram buscar por intervenções de educação sexual com farmacêuticos e/ou atendentes de farmácia devido à facilidade de acesso rápido a esse profissional, assim como o acolhimento sigiloso. Contudo, esse profissional é requerido para situações emergenciais na busca por um tratamento de ISTs, sendo uma educação sexual restrita.
A5	Comprehensive Sexuality Education as a Longitudinal Predictor of LGBTQ Name-Calling and Perceived Willingness to Intervene in School/ BAAMS, L., DUBAS, J.S. AKEN, M.A.G. 2017	J Youth Adolescence Inglês/ Holanda	Verificar se uma educação sexual inclusiva para as questões de diversidades de gêneros e sexualidades pode contribuir para a redução do bullying e intervenções para reduzir as violências	Ter uma ampla variedade de tópicos cobertos na educação sexual - não apenas a diversidade sexual - estava relacionado a um aumento na percepção da disposição de intervir ao testemunhar xingamentos LGBT por professores ou funcionários da escola, colegas estudantes e os próprios jovens (jovens do sexo feminino). Também previu uma diminuição na ocorrência de xingamentos entre as mulheres



A6	Educação em saúde na escola para o enfrentamento à homofobia MONGIOVI, V.G., LIMA, A.W.S., FIRMINO, A.C.S., MELO, C.M.F., ARAUJO, E.C., RAMOS, V.P. 2018	Rev enferm UFPE on line Português/ Brasil	Relatar a experiência de uma intervenção educativa para o enfrentamento à homofobia realizada com adolescentes numa escola de referência em ensino médio	As oficinas compuseram-se de 5 encontros que abordaram desde conteúdos sobre gênero, diversidade sexual, homofobia na escola, violência homofóbica e direitos humanos, entre outros. Constituiu-se como espaço de participação e diálogo para o enfrentamento à homofobia na escola
----	--	---	--	---

Fonte: Esquema elaborado pelas autoras.

Os artigos incluídos foram publicados nos últimos quatro anos. Observou-se que são quantitativos, em sua maioria, assim como publicados em inglês e oriundos de países estrangeiros, em sua maioria. A análise dos artigos permitiu a construção de duas categorias: educação centrada no modelo biológico-higienista (A2, A3, A4) e educação para a sexualidade inclusiva para as diversidades de gêneros e sexualidades (A1, A5, A6). Infere-se que a produção científica da área das ciências da saúde para a temática de educação para a sexualidade envolvendo o público LGBTI+ e/ou diversidades de gêneros e sexualidades é escassa, limitada ao público adolescente, corroborando para a limitação da prática assistencial de profissionais de saúde.

As pesquisas de saúde sexual da população LGBTI+ focalizam nos comportamentos sexuais que incluem a vulnerabilidade para o HIV e outras IST (VIEIRA, et al, 2021, p. 292) como percebido nos artigos A2, A3 e A4. Isso demonstra o interesse dos/as pesquisadores/as na anatomia reprodutiva/sexual unicamente, assim como promovendo uma educação para a sexualidade restrita a um modelo que considera as características biológicas cisheteronormativas e entende que essa educação restringe-se à prevenção de ISTs e gravidez na adolescência, mantendo, desse modo, o binarismo sexual como norma (FURLANI, 2016, p.16). Esse modelo reforça o processo hegemônico de regulamentar, calar e controlar a sexualidade (FOUCAULT, 2020, p.7).

Para Vieira et al. (2021, p. 295), ao abordar a saúde sexual das pessoas LGBTQIA+, deve-se fazer uso de uma visão ampliada de saúde que requeira um olhar positivo, incluindo os aspectos psicossociais, relacionais e clínicos e o quanto as questões sociais afetam a vivência da sexualidade de forma satisfatória. Vieira et al (2021, p.295)

reiteram que profissionais da saúde devem ter a competência para prestar uma atenção adequada, singular, que seja capaz de englobar outros aspectos da vida que não só as questões biológicas. Os aspectos afetivos, por exemplo, devem ser apreciados como fatores de sexualidade, assim como problemas de saúde, doenças crônicas, violências, sofrimento mental e claro, os preconceitos advindo dos marcadores sociais da diferença.

No artigo A1, percebe-se que quanto mais os espaços escolares são homofóbicos, mais há vítimas de *bullying* entre a comunidade escolar de minorias sexuais e de gênero. Nesse estudo, ao/as autores/as confirmam que incluir temas de diversidade de sexualidades e gêneros na educação sexual com adolescentes na escola pode diminuir as chances de uma pessoa LGBTI+ ser vítima de *bullying* e ter algum tipo de sofrimento mental, como depressão e ansiedade. Além disso, um achado importante dessa pesquisa é que adolescentes com acesso a essa educação inclusiva tiveram redução de 20% em ideação suicida.

Contudo, os temas de diversidade de gêneros e sexualidades raramente são mencionados nas atividades de educação para a sexualidade, mas quando são contemplados, podem contribuir com um ambiente escolar seguro e reduzir as situações de *bullying*, assim como o sofrimento mental das pessoas LGBTI+ (A5).

Algumas estratégias podem ser consideradas para propiciar uma educação para a sexualidade inclusiva, a exemplo do comprovado na pesquisa A6: oficinas de diversidade e cidadania, com debates sobre conceitos, relações, realidades, sociedade e escola. Essas ações potencializam o enfrentamento à homofobia na escola, o que, por consequência, para além desse espaço (A6). Nesse contexto, é preciso diferenciar uma educação como prática da liberdade e a que só aplica-se a reforçar a dominação de classe, raça e gênero, estando, assim, a serviço do patriarcado capitalista de supremacia branca (HOOKS, 2020, p. 12). Por isso, considerar as diversidades é uma forma de promover equidades em saúde, a partir do reconhecimento dos marcadores sociais da diferença nas questões de saúde.

A educação restrita à questões biológicas centradas no modelo cisheteronormativo, como propostas nas pesquisas A2, A3 e A4 demonstram que as “minorias” sexuais e de gênero não tem suas demandas de saúde sexual contempladas. Uma educação centrada na cisheteronormatividade pode contribuir com a psicopatologização

dos corpos dissidentes, que por sua vez “gera realidades materiais e simbólicas de exclusão, violações, estigmatização, discriminação, violência e morte” (DEMÉTRIO, 2020, p.353). Insistir nos modelos de abordagens biológico-higienista e/ou moral-tradicionalista não dão conta de incluir as pessoas LGBTI+, reforçam as relações entre as corpos normatizados como as únicas possíveis de viver a sexualidade e reproduzem as violências com base nos marcadores sociais da diferença (FURLANI, 2016, p.15-18). Para além de prescrição de cuidados preventivos para ISTs, a educação para a sexualidade deve validar as experiências das pessoas e considerar diversos aspectos da vida, as relações interpessoais, o suporte emocional, os recursos pessoais e sociais disponíveis, a saúde mental e demais questões envolvendo a redução das violências baseadas nas diversidades.

## Considerações finais

Uma educação para a sexualidade inclusiva, construída e proporcionada por profissionais de saúde, ainda está limitada, ao menos, como objeto de investigação na área de ciências da saúde. Ou seja, se pesquisa pouco sobre isso e quando se pesquisa, poucas evidências são reveladas a partir de uma proposta de valorização das diferenças de gêneros e sexualidades. Os interesses de pesquisadores e pesquisadoras nessa temática é o retrato do visto na prática, quando profissionais de saúde não desenvolvem ações educativas inclusivas e assim reforçam o padrão cisheteronormativo baseado em uma sexualidade reprodutiva, no caso, objetivando unicamente prevenir gravidez na adolescência e contágio por doenças sexualmente transmissíveis. Contudo, as poucas evidências científicas produzidas pelas ciências da saúde demonstram os benefícios de uma educação para a sexualidade inclusiva, que considere as vivências LGBTI+, para a sociedade toda. Esse tipo de educação realizada tem proporcionado observar a redução nos casos de *bullying* na escola, para aquelas pessoas que eram vítimas a partir dos marcadores sociais da diferença, assim como a contenção no sofrimento mental advindo dessas dissidências. Considera-se a impreteriosa e urgente necessidade de pesquisas de campo nas ciências da saúde para responderem a essas questões e construir evidências para justificar/embasar as práticas a serem adotadas por profissionais da saúde na educação para a sexualidade.

## Referências

AGARDHA, C. et al. Using pharmacists and drugstore workers as sexual healthcare givers: a qualitative study of men who have sex with men in Dar es Salaam, Tanzania. **Global Health Action**. Disponível em: < <https://www.ncbi.nlm.nih.gov/pmc/articles/PMC5678459/>>. Acesso em: 21 fev. 2021.

BAAMS, L., DUBAS, J.S. AKEN, M.A.G. Comprehensive Sexuality Education as a Longitudinal Predictor of LGBTQ Name-Calling and Perceived Willingness to Intervene in School. **J Youth Adolescence**, 2017. Disponível em: <<https://www.ncbi.nlm.nih.gov/pmc/articles/PMC5388727/>> Acesso em: 21 fev. 2021.

BARDIN, L. **Análise de conteúdo**. São Paulo: Edições 70, 2016.

CHELSEA, N. et al. Associations of LGBTQ-inclusive sex education with mental health outcomes and school-based victimization in U.S. high school students. **J Adolesc Health**, 2019. Disponível em:< <https://www.ncbi.nlm.nih.gov/pmc/articles/PMC6478545/>>. Acesso em: 21 fev 2021.

DA SILVA, D. R. Q.; COSTA, Z. L. S.; MÜLLER, M. B. C. Gênero, sexualidade e políticas públicas de educação. **Educação**, v. 41, n. 1, p. 49-58, 29 maio 2018. Disponível em: < <https://revistaseletronicas.pucrio.br/index.php/faced/article/view/29812/16846> >. Acesso em 18 de março de 2021.

DEMÉTRIO, F. **Despatologização das identidades trans desde os transativismos na Abya Yala: notas sobre uma experiência acadêmica-ativista avaliativa e participativa**. In: LION, A.R.C.(org) *Corpos em trânsito: existências, subjetividades e representatividade*. 1ªed. Salvador-BA. Editora Devires, 2020.

ESTRELA. G. **Saúde não violenta**. In: IGNACIO, T., DUARTE, A.M., FERREIRA, G.G., BURIGO, J. GARCIA, T.O., BUENO, W. (org). *Tem saída? Perspectivas LGBTI+ sobre o Brasil*. Porto Alegre, RS, Editora Zouk, 2020.

FOUCAULT, M. **História da Sexualidade 1: a vontade de saber**. 10ª ed, Rio de Janeiro/São Paulo, Paz e Terra, 2020.

FURLANI, J. **Educação sexual na sala de aula: relações de gênero, orientação sexual e igualdade étnico-racial numa proposta de respeito às diferenças**. Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2016.

HOOKS, B. **Ensinando a transgredir: a educação como prática da liberdade**. 2ªed. São Paulo: Editora WMF Martins Fontes, 2017.

LOURO, G.L. **Um corpo estranho: ensaios sobre sexualidade e teoria queer**. 3ªed. Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2020.

LOURO, G.L. **Pedagogias da sexualidade**. In: LOURO, G.L., WEEKS, J., BRITZMAN, D., HOOKS, B., PARKER, R., BUTLER, J. O corpo educado: pedagogias da sexualidade. 4ªed. Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2019.

MENDES KD, SILVEIRA RC, GALVÃO CM. **Revisão integrativa: método de pesquisa para a incorporação de evidências na saúde e na enfermagem**. Rev Texto Contexto Enferm 2008; 17(4):758-764. Disponível em: <[https://www.scielo.br/scielo.php?pid=S0104-07072008000400018%20&script=sci\\_arttext](https://www.scielo.br/scielo.php?pid=S0104-07072008000400018%20&script=sci_arttext)>. Acesso em: 17 fev 2021.

MONGIOVI, V.G., LIMA, A.W.S., FIRMINO, A.C.S., MELO, C.M.F., ARAUJO, E.C., RAMOS, V.P. Educação em saúde na escola para o enfrentamento à homofobia. **Rev enferm UFPE on line**, 2018. Disponível: <<https://periodicos.ufpe.br/revistas/revistaenfermagem/article/view/236457/29754>>. Acesso em: 21 fev 2021.

MULLER, A., SPENCER, S., MEER, T., DASKILEWICZ, K. The no-go zone: a qualitative study of access to sexual and reproductive health services for sexual and gender minority adolescents in Southern Africa. **Reproductive Health**, 2018. Disponível em: < <https://reproductive-health-journal.biomedcentral.com/articles/10.1186/s12978-018-0462-2>> . Acesso em: 21 fev. 2021.

STEMKE, J. et al. Meeting the Needs of Sexual and Gender Minority Youth: Formative Research on Potential Digital Health Interventions. **Journal of Adolescent Health**, 2017. Disponível em: < [https://linkinghub.elsevier.com/retrieve/pii/S1054-139X\(16\)30876-X](https://linkinghub.elsevier.com/retrieve/pii/S1054-139X(16)30876-X)>. Acesso em: 21 fev 2021.

VARELA, C.M., RIBEIRO, P.R.C. **Educação para a sexualidade: a constituição de um campo conceitual**. In: RIBEIRO, P.R.C, MAGALHÃES, J.C. (org) Debates contemporâneos sobre Educação para a Sexualidade. Rio Grande: Ed. da FURG, 2017. Disponível em: <[http://repositorio.furg.br/bitstream/handle/1/7097/debates\\_contemporaneos\\_educacao\\_sexualidade.pdf?sequence=1](http://repositorio.furg.br/bitstream/handle/1/7097/debates_contemporaneos_educacao_sexualidade.pdf?sequence=1)>. Acesso em 20 fev 2021.

VIEIRA, D.L. et al. **Abordagem da saúde sexual das pessoas LGBTQIA+**. In: CIASCA, S.V., HERCOWITZ, A., JUNIOR, A.L. Saúde LGBTQIA+: práticas de cuidado transdisciplinar. Editora Manole, 2021.